

# A PRESENÇA DA DEVOÇÃO MARIANA NA HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA: DA VIRGEM CONQUISTADORA À MULHER DA LIBERTAÇÃO

*THE PRESENCE OF MARIAN DEVOTION IN LATIN AMERICA'S HISTORY: FROM THE CONQUERING VIRGIN TO THE WOMAN OF LIBERTATION*

*Robert Landgraf\**

**Resumo:** O presente trabalho objetiva analisar teologicamente a presença da figura de Maria na história da conquista do continente ameríndio, bem como o uso de sua imagem como Conquistadora, usada para subjugar os povos nativos. Posto isto, analisar-se-á o evento que dá início ao que pode ser chamado virada de concepção mariana, o evento Guadalupano, de 1531, no México, quando a Virgem aparece com traços indígenas, levando os ameríndios a uma identificação com ela e a “adotando” como Mãe protetora e libertadora.

**Palavras-chave:** Maria. Continente latino-americano. Conquistadora. Libertadora.

**Abstract:** This work aims to theologially analyze the presence of the figure of Mary in the history of conquest of the Amerindian continent as well as the use of her image as the Conqueror to subjugate the native peoples. That said, it will analyze the event that began what is called the Marian turn, the Guadalupe event of 1531 in Mexico, when the Virgin showed herself with an Amerindian appearance, which led the natives to identify with her and adopt her as the protective and liberating Mother.

**Keywords:** Mary. Latin-American Continent. Conqueror. Liberator.

## 1. Introdução

Na história do continente latino-americano, a pessoa de Maria tem lugar privilegiado. A presença mariana é extremamente ativa em toda a história do continente, desde o início, quando trazida na forte piedade mariana, tanto dos conquistadores espanhóis como portugueses. Para eles, Maria aparece como a “Conquistadora” que os ajudará a dominar e a cristianizar o novo mundo. À virgem eram atribuídos a conquista do território e o cuidado com os colonizadores no continente. Por outro lado, também se ensinava aos conquistados, aos povos autóctones, que Maria era sua mãe e protetora, apesar de parecer que essa mulher estava de acordo com a destruição de sua cultura e com a perda de sua liberdade. Entretanto, não demorou muito para o povo ameríndio também descobrisse Maria como sua mãe protetora. Esta mudança deve-se às inúmeras

---

\* Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: betolandgraf@yahoo.com.br

experiências religiosas e históricas, pelas quais o povo nativo pode vivenciar e sentir a presença defensora da Mãe de Jesus, nas distintas devoções que foram sendo suscitadas em todo o continente. Sem dúvida, a mais paradigmática das experiências foi o acontecimento Guadalupano, quando a Virgem apareceu ao índio Juan Diego, com traços mestiços, fazendo, assim, com que o povo assumisse uma nova consciência mariana, ou seja, de Maria Conquistadora a Maria Libertadora.

## **2. Maria em terras ameríndias**

O primeiro encontro do mundo indígena da América Latina com a figura de Maria aconteceu na evangelização hispano-portuguesa. Na religiosidade popular da Espanha e de Portugal no século XV, há uma ênfase aos elementos devocionais, especialmente com referência a lugares, coisas e pessoas. Os santos são especialmente venerados, mas, entre eles, de modo muito particular a Virgem Maria, em continuidade à devoção mariana medieval na qual se venera com muita ênfase Maria como Mãe de Deus e Senhora advogada (MÉNDEZ, 2001, p. 450).

Ruben Vargas Ugarte (1956, p. 10) afirma que “Embora seja necessário reconhecer que muitos dos conquistadores espanhóis não estavam isentos de graves defeitos, é incontestável que quase todos eles eram homens de fé enraizada e também devotos fervorosos da Virgem Maria”. Essa afirmação coloca-nos diante de duas interrogações: Qual imagem de Maria a fé dos colonizadores possuía? E como aparecia Maria aos olhos dos conquistados (DORADO, 1988, p. 37).

Cristóvão Colombo, chamado “descobridor da América” é conhecido pela sua devoção à Virgem Maria, em cujo estandarte estavam impressas as imagens de Jesus e Maria. Colombo nomeou a segunda ilha descoberta com o nome de Santa Maria de Concepción e, em sua segunda viagem, construiu em São Domingo a primeira igreja levantada na América, consagrando-a a Jesus Cristo e a sua Mãe Santíssima (DORADO, 1988, p. 37). Seu filho, Hernán Colón, testemunha sua fé:

Foi tão observante das coisas de religião que, se por acaso deveria escrever alguma coisa, não experimentava a pena sem escrever estas palavras: Jhesus cum Maria sit nobis in via. E o fazia com uma letra tão cuidada que só com isso era capaz de ganhar-se o pão. (BOFF, 2009, p. 219).

No Brasil, a devoção mariana começa com a chegada de Pedro Álvares Cabral, que antes de iniciar a viagem ajoelhou-se na Capela Mariana, situada na foz do Tejo, a fim de pedir a proteção da Santa Virgem para a longa viagem em direção às Índias, que o levou a aportar em terras brasileiras. O capitão trazia consigo duas imagens da Mãe de Deus, um quadro de Nossa Senhora da Piedade, diante do qual “ouvia” a missa todos os dias, e outro, de Nossa Senhora da Esperança, que se conserva até hoje no Convento Franciscano de Belmonte, na Bahia (BOFF, 2009, p. 220).

Hernán Cortez, conquistador Espanhol, conhecido por ter destruído o Império Asteca de Moctuzuma II e conquistado o atual território do México, trazia sempre ao peito uma medalha de Maria, pendurada numa corrente de ouro, e tinha Nossa Senhora como sua protetora e advogada. Entre os artigos que levou para as novas terras, além de 600 homens, 11 caravelas, 16 cavalos e 10 canhões, trazia consigo também 5 ou 6 *Virgencitas*. Depois de ter conquistado Technotitlan, fez colocar uma dessas imagens no templo central asteca (Teocalli) e outra no templo da ilha Cozumel (BOFF, 2009, p. 220). O cronista Bernal Diaz del Castillo relata:

Havendo desembarcado na ilha de Cosumel viram um templo e um índio que pregava, perguntaram o que ele dizia e sabendo que eram coisas ruins, disse Bernal Díaz advertindo-os: que retirassem daquela casa seus ídolos... que levariam suas almas para o inferno [...] e colocassem uma imagem de Nossa Senhora e uma cruz que lhes tinha dado Hernán Cortés. Os índios não se atreveram a retirar seus falsos deuses, temendo que algo ruim pudesse lhes acontecer e propuseram aos espanhóis que eles mesmos retirassem, persuadidos que logo lhes viria algum castigo e então Cortés mandou que os despedaçassem e jogassem escada abaixo no templo. Logo mandou trazer muito cal, que havia com fartura naquela cidade e foi feito um altar muito límpido, onde foi colocada a imagem de Nossa Senhora. (UGARTE, 1956, p. 11-12).

De acordo com Bernal Díaz del Castilho, não só os espanhóis, mas também os indígenas acreditavam que Maria combatia do lado dos conquistadores. Quando Moctezuma perguntou aos seus guerreiros por que não puderam vencer aquele punhado de castelhanos, recebeu como resposta que “nem as próprias flechas nem luta alguma adiantava, pois uma Tegleciguata (Grande Senhora) de Castela vinha diante deles e lhes infundia temor” (BOFF, 2009, p. 221).

O conquistador do Peru também demonstrou sua piedade mariana, quando Fernando Pizarro Lima (1535) dedicou a catedral da cidade a Nossa Senhora da Assunção (BOFF, 2009, p. 222).

O cronista inca Garcilaso de la Vega conta que, em 1536, 200 mil índios cercaram Pizarro e um punhado de soldados espanhóis que o acompanhavam. Estes, encurralados, refugiaram-se na casa do governador, em Cuzco, capital do Império Inca. Era noite. “Quando os indígenas estavam para lançar-se ao ataque” – o mesmo cronista narra – “apareceu, no ar, diante deles, Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, em grandíssimo esplendor”, obrigando os índios a baterem em retirada (BOFF, 2009, p. 222).

Em agradecimento, os espanhóis construíram neste local uma igreja, onde ainda hoje se honra Nossa Senhora da Descida ou do Triunfo, que os indígenas chamam de Pacha Tacctac, isto é, a Senhora que caminha sobre este chão (BOFF, 2009, p. 222).

Poderíamos aqui acrescentar inúmeros testemunhos similares sobre a devoção dos conquistadores e missionários para com a Virgem Maria, porque se trata de sua característica comum.

### **3. A virgem com características de Conquistadora**

Missionários e conquistadores trouxeram a Virgem Maria às terras da América com as características da teologia da Contrarreforma, envolta na original religiosidade popular luso-hispânica, e expressada em imagens e devoções de marcado cunho ocidental (DORADO, 1988, p. 38-39).

Entretanto ao chegar às novas praias, Maria adquire uma configuração nova e original, cuja expressão mais típica, e ao mesmo tempo a mais ambígua, será a de ser considerada a “conquistadora”. Assim será chamada nos primeiros anos e concretamente, na Guatemala, a Virgem levada pelo mercedário Frei Bartolomé de Olmedo. O mesmo nome dado por Roque Gonzáles à imagem da Virgem que levava em todas as suas viagens apostólicas em meio ao mundo guarani, e que era uma tela da Imaculada Conceição (DORADO, 1988, p. 39).

O nome é extremamente significativo, pois com ele ficou demonstrado que a Virgem foi qualitativamente incorporada ao empreendimento hispânico nas terras recém-descobertas, um empreendimento de conquista, seguindo a tradição espanhola medieval da “reconquista”, e que os missionários tentariam amenizar com a qualificação de conquista espiritual (DORADO, 1988, p. 39).

Sem dúvida que, dada a dimensão evangelizadora do empreendimento de conquista hispânica, sob o nome de conquistadora fica encoberto o nome de “A

Evangelizadora”, canalizando sob esta denominação toda uma nova teologia de Maria para os missionários (DORADO, 1988, p. 40).

Entretanto, a conquista, em sua globalidade, não era tão pura e desinteressada como teria sido uma campanha de mera evangelização em terras ameríndias.

É de conhecimento que o Papa Alexandre VI apoiou os reis católicos a enviarem missionários afirmando que “confiava na ajuda de Deus para poder propagar amplamente o sagrado nome e o Evangelho de Jesus Cristo”. E mesmo Cristóvão Colombo escrevia a Isabel e Fernando dizendo que esperava que Deus, mediante o rei e a rainha, ajudasse a enviar pessoas devotas e religiosas para unir à Igreja tão vastas populações que precisavam ser convertidas à fé (DORADO, 1988). O Papa Leão XIII, por ocasião do quarto centenário do descobrimento, afirmava que, na missão de Cristóvão Colombo, em muitos momentos aparece a mão de Deus e que ele foi um homem “cujo principal propósito e o que mais arraigado estava em sua alma não era outra coisa que abrir caminho para o Evangelho por novas terras e novos mares” (UGARTE, 1956, p. 3-4).

É importante ter em mente que a conquista foi simultaneamente econômica, social e política. Assim, àquela época falava-se de uma conquista com a espada e com a cruz, com uma característica mentalidade colonizadora, que nos primeiros anos chegou a duvidar da humanidade dos indígenas, considerando-os feras bárbaras que precisavam ser agregadas ao aprisco da Santa Igreja e ao serviço do rei. À frente dessa complexa conquista aparece Maria, na fé dos conquistadores, como Conquistadora, originando uma teologia mariana ambígua, e uma imagem de Maria muito mais ambígua para o indígena que se sentia agredido por militares e missionários “conquistadores” (DORADO, 1988, p. 41).

#### **4. A Conquistadora nos olhos dos conquistados**

Nos últimos anos, nos acostumamos a fazer uma leitura da colonização da América não somente da perspectiva dos colonizadores e vencedores, mas também com os olhos dos vencidos, ou seja, dos ameríndios. O problema da teologia mariana de A Conquistadora, à qual todos atribuem o triunfo, é muito mais complicado (DORADO, 1988, p. 44).

Bernal Díaz del Castillo escreve com entusiasmo, como referindo-se à Virgem, afirmando que, em certa ocasião Moctuzuma “pergunta a seus guerreiros como não haviam vencido os poucos castelhanos, sendo eles tantos; lhe responderam que não

conseguiam usar as flechas nem lutar, porque uma Gran Tegleciguata de Castilla vinha a frente deles e lhes punha temor” (UGARTE, 1956, p. 3). Na perspectiva indígena, tratava-se de uma guerra entre povos e deuses.

Nesse contexto a Virgem “Conquistadora” aparece para o ameríndio agredido como o símbolo e a força de seus inimigos, e imputavam a ela a causa de suas derrotas em uma guerra evidentemente injusta (DORADO, 1988, p. 45).

## **5. A virada para a mulher da Libertação**

Não demorou muito para que o povo ameríndio também descobrisse Maria como sua própria mãe. Esse processo se deve às inúmeras experiências históricas e religiosas pelas quais o povo pode vivenciar a proximidade de Maria, a Mãe de Jesus, nas mais distintas devoções que se foram desenrolando em todo o continente. Sem dúvida, a mais paradigmática dessas experiências foi o que pode ser chamado Acontecimento Guadalupano (MELLO, 2017, p. 38).

Quando, em 1531, o então bispo do México, Dom Frei Juan de Zumarraga, devotamente encabeça a procissão desde a cidade do México ao monte Tepeyac, com a tilma do nativo Juan Diego, na qual apareceu impressa a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, contaram as pessoas presentes que um grande número de nativos a aclamavam como sua mãe e que não se cansavam de repetir: “Nobre indiazinha, nobre indiazinha, Mãe de Deus! Nobre indiazinha, toda nossa! (UGARTE, 195, p. 164). Há quem afirme que o nascimento da América Latina se dá a partir do evento Guadalupe. Puebla afirma:

O Evangelho encarnado em nossos povos congrega-os numa originalidade histórica cultural que chamamos América Latina. Essa identidade está simbolizada muito luminosamente no rosto mestiço da Virgem de Guadalupe que surge no início da evangelização. (PUEBLA, n. 446).

O que aconteceu na história do monte Tepeyac podemos encontrar no Nican mopohua<sup>1</sup>, escrito por Antonio Valeriano, por volta do ano 1549, em Tlatetolco. Pode-se afirmar que essa documentação foi escrita no idioma dos próprios indígenas, o famoso Náhuatl. Os estudiosos dessa documentação encontraram nela um momento privilegiado,

---

<sup>1</sup> Na língua indígena, significa: “Aqui é narrado”.

no qual se faz ameríndia a fé em Maria, o que permite conhecer as bases da primeira teologia latino-americana sobre a Virgem Maria (CAPRANI, 2014, p. 31).

O contexto da aparição da Virgem de Guadalupe é de opressão e destruição que constitui seu pano de fundo. É difícil imaginar a violência do choque que pôs, frente a frente, dois povos, ambos inspirados por uma religião de guerra e por uma mística cruenta: o “povo do sol”, adorador de um deus que se fortalecia de sangue, Huitzilopochtli, e povo da Espanha, curtido nas lutas da “reconquista”, contra os mouros, e na repressão inquisitorial, contra os heréticos e os judeus. Com a inferioridade das armas e de técnicas, os “naturais” tiveram uma derrota terrível que teve como resultado a destruição do povo e da civilização asteca através das armas de fogo e da peste trazida pelos conquistadores no contato estabelecido no processo de escravidão dos índios, através das *encomiendas*, de tal modo que nem força tinham para se reproduzirem sexualmente, morrendo de exaustão. Nota-se a violência sexual dos colonizadores contra as mulheres indígenas, abandonadas com os filhos pequenos e, por fim, o desmantelamento do sistema de vida e de sentido dos índios, com a destruição de seus símbolos culturais e com a satanização de sua religião (BOFF, 2009, p. 239).

É nesse contexto de tragédia, de perda total da identidade, de derrota no seu sentido mais amplo, que o nativo Cuauhtlatoatzin, no seu idioma náhuatl, que para os espanhóis seria chamado de Juan Diego (1474-1548), começou a ter encontros com Maria, no monte Tepeyac (CAPRANI, 2014, p. 32).

Juan Diego era testemunha e vítima dessas tragédias onde ele mesmo foi reduzido a um pobre índio, com dificuldades para se relacionar até mesmo com os criados do bispo, e que diante do novo contexto define-se com as palavras: “eu sou um homenzinho, uma escadinha de tábuas, sou cola, sou folha, sou gente miúda”. A própria Virgem o chama de “o mais pequeno de meus filhos”. Maria o chama de *noxocoyouth*, que equivale a oprimido, reduzido, o depreciado. Esse índio será o símbolo da nova situação ameríndia, o testemunho privilegiado das aparições da Virgem de Guadalupe na colina de Tepeyac, lugar de culto pré-hispânico e ponto de partida da fé cristã no mundo mestiço latinoamericano (DORADO, 1988, p. 52).

O vidente João Diego é chamado a se comunicar com a Rainha do Céu mediante “o canto e as flores”, “sinal” de onde brota a mensagem da esperança rumo a novos horizontes, a novos mistérios divinos. Maccagnan afirma:

O solo árido de Tapeyac, assolado pelo frio e sobretudo pela destruição do templo da deusa Tonantzin, converte-se em um esplêndido jardim; o paraíso perdido dos antepassados é substituído pelo novo Éden, do qual a Virgem lança convite de amor e confiança, envolvendo todos com a adoção materna. Lá em cima na colina existem rosas e flores perfumadas... que ela arruma no “ayate” de João Diego com as delicadas e veneráveis mãos: o “sinal” que vinha do céu para indicar o começo de uma nova era. (MACCAGINAN, 1995, p. 554).

A teologia mariana que aparece no documento Nican mopohua é tradicional, sempre na perspectiva da fé pascal, onde a Virgem é denominada “Senhora do Céu” e ela própria se define, quando diz: “eu sou a sempre Virgem Santa Maria, mãe do Verdadeiro Deus” (v. 22). Também quando Juan Diego explica a aparição, o texto indica “que em todo se descobria ser ela a sempre Virgem, Santíssima Mãe do Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 53). E, ao contar para o bispo a mensagem, o índio sugere: “tomara que se acredite na mensagem e na vontade da Imaculada” (v. 51). Posto isso, é possível afirmar que estamos diante de uma sólida e completa mariologia. Nada de novo ao que a mariologia tradicional da Igreja vinha desenvolvendo até aquele momento (CAPRANI, 2014, p. 32).

Entretanto, é preciso ressaltar que, nesse evento, começa a surgir uma nova teologia mariana latino-americana, que vai destacar, sem dúvida alguma, a dimensão da maternidade da Virgem Maria. Porém é uma maternidade muito concreta: é a maternidade direcionada ao povo ameríndio, embora se estenda a todos, e que aparece em um momento bem concreto da história (DORADO 1988, p. 53).

Um fato interessante é que a Virgem Guadalupana manifesta-se dizendo “eu sou sua piedosa mãe”, e pediu a construção de uma casa entre seus filhos, ou seja, em uma área onde vivem os índios, em suas terras distantes e afastadas dos espanhóis e da hierarquia eclesial e em local carregado de ressonâncias indígenas, como é a colina de Tepeyac, lugar onde os nativos, já desde muito tempo, cultuavam seus deuses. É nesse lugar, escolhido pela Virgem, que ela quer manifestar seu amor materno. E o primeiro testemunho desse amor maternal e cuidadoso é Juan Diego, símbolo de todos os índios que sofreram, sofrem e sofrerão com a conquista, pois foi chamado por ela diversas vezes de “filho meu” (DORADO, 1988, p. 53). João Paulo II expressou muito bem na homilia de beatificação de Juan Diego:

A amável figura (de Juan Diego) é inseparável do fato guadaluano, a manifestação milagrosa e maternal da Virgem, Mãe de Deus, tanto nos monumentos iconográficos e literários, como na secular devoção que a



Igreja do México tem manifestado por este índio predileto de Maria. À semelhança dos antigos personagens bíblicos, que eram uma representação coletiva de todo o povo, poderíamos dizer que Juan Diego representa todos os indígenas que acolheram o Evangelho de Jesus, graças à ajuda maternal de Maria, sempre inseparável da manifestação de seu Filho e da implantação da Igreja, como foi sua presença entre os Apóstolos no dia de Pentecostes. (JOÃO PAULO II, 1990).

Algo que deve ser levado em consideração é que Maria não aparece mais segurada pelos conquistadores, montados em seus cavalos, não aparece mais resplandecente nos imensos estandartes simbolizando a mulher conquistadora. Agora, a Virgem Morenita apresenta-se como mãe próxima, não é uma estranha, estrangeira, dominadora, mas uma mulher perfeitamente imersa na cultura e no idioma do povo massacrado (DORADO, 1988, p. 53).

Maria Guadalupe apresenta-se como mãe próxima, consoladora, não mais como a conquistadora e opressora, nem dominadora. Mas é uma Mãe que reconhece a dignidade de seus filhos, ainda que estejam derrotados e humilhados. Por isso, Maria chama Juan Diego de

[...] *ivantzin* *Ian Diegotzin*, são palavras que sempre foram traduzidas como: Juanito, Juan Dieguito, dando-lhe uma significação comovente de ternura naturalmente materna e de delicadeza. Porém, no NÁHATL a terminação TZIN também designa reverência e respeito. Por isso, esta terminação está, por exemplo, em TONASNTZIN, mãe de Deus, que ninguém traduziu no diminutivo. (SILLER, 1981, p. 242).

No próprio diálogo de Maria com Juan Diego, ela se mostra como boa mãe que deseja reconstruir a família desfeita, e se preocupa com as necessidades de seus filhos. Assim ela se expressa:

Desejo vivamente que se me construa aqui uma casa, para poder morar nela e doar todo o meu amor, compaixão, auxílio e defesa, pois eu sou vossa Mãe piedosa, a ti, a todos vós juntos, os moradores desta terra, e aos que me invoquem com amor e em mim confiem; escutar ali suas lamentações, e remediar todas as suas misérias, penas e dores (v. 24-25). (CAPRANI, 2014, p. 34-35).

Nota-se um coração de mãe que deseja reconstruir a vida destruída de seus filhos, com destaque para três características de amor maternal: a compaixão, o auxílio e a defesa.

O diálogo de Juan Diego com a Virgem discorre de maneira filial, terna e com proximidade. Assim, ele conversa com Maria, por ocasião da enfermidade do seu tio Juan Bernardino:

Minha menina, a menor de minhas filhas. Senhora, oxalá estejas contente. Como amanheceste? Estás bem de saúde. Senhora e minha menina? Vou causar-te aflição: sabe, Menina minha, que está muito mal um pobre servo teu, meu tio, deu nele uma peste e está pra morrer [...], mas se vou fazê-lo, voltarei outra vez aqui, para levar a tua mensagem. Senhora e menina minha, perdoe-me, tende por hora paciência, não te engano, filha minha amais pequena, amanhã virá às pressas (v. 71-74). (CAPRANI, 2014, p. 35).

A Virgem Guadalupana é uma mãe que confia uma grande missão ao índio que experimentou a opressão, o sofrimento, a dor de ser tratado como um ser sem sentimento, o que revela que Maria está com seu olhar na mesma direção de Deus, do mesmo Deus que olhou para sua pequenez e que a encontrou na pobre de cidade de Nazaré. Mas, ao mesmo tempo, a Virgem Maria apresenta-se como mãe forte e poderosa que aproveita os “restos” que ficaram da colonização para construir um novo lar. Ela cura o tio de Juan Diego, faz com que rosas venham a nascer onde era impossível, ganha confiança das autoridades e as convence, de maneira peculiar a Dom Juan de Zamurraga, bispo do México (CABRANI, 2014, p. 36).

Diante do medo que Juan Diego tinha do Bispo, Maria afirma: “Não estou eu aqui, que sou a tua mãe? Não está debaixo da minha sombra? Não sou eu tua saúde? Não está tu porventura no meu colo? O que mais você precisa?” (v. 76) (DORADO, 1988, p. 55).

Essas perguntas de Maria manifestam ainda mais suas características maternas como a daquela mãe que “está aqui”, no lugar da angústia e do sofrimento, da necessidade, e que nunca abandona, mãe que protege e ampara com sua sombra, imagem significativa, pois o lugar onde ela aparece é ensolarado, quente e seco. É a mãe que oferece colo protetor nos momentos de cansaço e medo. Portanto, o que mais é preciso, ou do que mais um filho poderá ter necessidade? (DORADO, 1988, p. 56).

A imagem impressa na “tilma” de João Diego era uma página da Teologia do Sinal, uma riquíssima ideografia que os indígenas chamavam “amoxtli”, na sua língua, código do qual emergem, através das cores e dos símbolos, toda a beleza, bondade e toda ternura da Rainha e Mãe do Céu que, em vez de destruir sua tradição, suas casas, sua gente, os convida a descobrir a realidade da nova religião encarnada na sua cultura.

Naturalmente, na leitura do fenômeno de Guadalupe, o simbolismo e a semântica podem ser úteis, mas, para compreendê-los plenamente, são necessárias a luz e a graça da fé. A Virgem Guadalupana vem, assim, anunciar a vocação para a fé; em Tapeyac ela manifesta a sua maternidade divina e espiritual como um serviço, para que seja eficaz e obtenha frutos abundantes da ação salvífica de Deus na história (MACCAGNAN, 1995, p. 557). Assim, quando o povo ameríndio a assume como mãe, começam a parecer as primeiras pistas de uma nova teologia popular mariana que se origina na América Latina. A Conquistadora transformou-se na Nantzin, na Mãe do mundo ameríndio, e a América começa a considerar a Virgem como sua mãe (DORADO, 1988, p. 56).

## **6. Imagem da Virgem Guadalupe, símbolo da libertação**

Aquilo que definimos como imersão da Boa Nova no seio da cultura de um povo é a inculturação, que encontramos na imagem da Virgem de Guadalupe de forma antonomástica (GONZÁLEZ, 2014, p. 220).

Astecas e Maias usavam códices com páginas feitas de pele animal ou matéria vegetal, como massa de caule maguey amate ou macerada, sobre a qual era colocado um gesso branco ou outro material primário sobre o qual escreviam ou pintavam. Nessas páginas, gravaram suas crônicas sobre reis, deuses, povos, tributos, calendários, batalhas etc. Um códice não é lido como um livro ocidental, mas o que se faz é uma interpretação por meio de glifos, figuras e cores completadas por tradições orais transmitidas com muita fidelidade por métodos mnemotécnicos muito eficazes (GONZÁLEZ, 2014, p. 2020).

Na verdade, a imagem da tilma sagrada é um verdadeiro hieróglifo. É um universo de símbolos, que reflete a identidade espiritual do cristão mexicano, cujo olho não custa a decodificar. É uma amoxtli, o códice ao modo dos códices astecas. Muito se estudou sobre a imagem de Guadalupe como amoxtli. No entanto, é necessário dizer que ainda falta um estudo definitivo e técnico que revele a riqueza antropológica, religiosa e cultural presente nessa imagem, e sua densidade religiosa como síntese da cultura asteca e da mensagem cristã (GONZÁLEZ, 2014, p. 221).

A imagem é impressa no ayate ou tilma feito de material vegetal, por exemplo, em agave, que normalmente se desintegra em cerca de vinte anos. Por outro lado, o tilma de Juan Diego, sem qualquer tratamento, já completou mais de quatrocentos anos e ainda é fresco e flexível como se atual. A duração da tilma já é, em si, uma primeira mensagem (GONZÁLEZ, 2014, p. 221). Colocaremos aqui apenas alguns símbolos guadalupanos

que ajudam na percepção da inculturação da Virgem na vida dos ameríndios e que os levaram a se identificar com a Morenita estampada.

Iniciemos pelos signos de Urânicos: a imagem de Guadalupe está envolta pelo sol, ela pisa na lua, seu manto é cravejado de estrelas e ela é emoldurada em um oval que avança por entre as nuvens. As religiões indígenas da Mesoamérica, até a Terra do Fogo, são religiões urânicas, que veneram o sol, as estrelas, as nuvens, a chuva e os fenômenos naturais a eles ligados, como expressões da divindade. Maria de Guadalupe está devidamente enquadrada na tradição dos povos ameríndios. Neste fato se encontra um extremo do binômio da inculturação, mas, ao assumi-los em si, ela lhes dá um significado religioso: Ela é a Mãe do único Deus verdadeiro que criou o cosmos com todos os seus elementos e, ao mesmo tempo, o homem como o centro do cosmos; além disso, é a Mãe do Deus encarnado, feito homem, que é o verdadeiro Senhor e Rei de toda a criação (GONZÁLEZ, 2014, p. 222).

*Cintos*: adereço de uma mulher nobre. A faixa negra na cintura é sinal de gravidez, adereço que as mulheres indígenas usavam acima da cintura. É Maria trazendo em seu ventre o Messias para os povos da América (BOFF, 2009, p. 252). Sobre o ventre, há um jasmim mexicano de quatro pétalas com um pequeno botão no centro; é símbolo nahui ollin innollin, o centro da cosmogonia e da teogonia Náhatl, os quatro pontos cardeais e a origem da vida e do dinamismo do cosmos. O indígena “entendia” que essa jovem mulher era a Mãe do Autor da vida e do movimento da criação (GONZÁLEZ, 2014, p. 222).

*A túnica vermelho-pálida*: antes, cor de Huitzilopachtli, deus sol, do sangue e da vida, agora tem a cor do sangue do verdadeiro Redentor. É uma veste de rainha, de um material muito fino, talvez seda de altíssima qualidade. As flores presentes na túnica são as flores da colina onde ocorreu a aparição em Tapeyac. Em sua etimologia náhuatl significam: “no nariz da colina” (GONZÁLEZ, 2014, p. 222).

*Rosto moreno*: o rosto moreno da Virgem simboliza a cor mestiça do povo nascente, tanto em relação à pele quanto à cultura. E ela aparece dessa forma em um momento em que nem índios nem espanhóis aceitavam os frutos de suas uniões. A Virgem Guadalupana adotou esse arquétipo biológico manifestando, assim, sua missão: “Darei todo meu amor [...] porque eu na verdade sou vossa Mãe compassiva, tua e de todos os que nesta terra, e de as demais variadas estirpes de homens que me amam”. É um símbolo muito importante de reconciliação, pois no rosto da imagem é possível reconhecer tanto o indígena quando o espanhol; é um rosto com novos traços, síntese do

velho mundo – semítico, ibérico, romano, godo e africano – e do novo mundo – índio americano, fortemente relacionado com a Ásia e com a África (GONZÁLEZ, 2014, p. 223). Essa é a grande obra da Morenita, mãe de todos, no México e em toda a América: levar a cabo o que nos ensina o Apóstolo Paulo:

Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei-, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a lei - ainda que não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo -, para ganhar os que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo. (1Co. 9.20-22).

A Virgem Maria em Guadalupe fez-se índia com os índios, mestiça com os mestiços; os bispos da América Latina, em Puebla, disseram:

O Evangelho encarnado em nossos povos congrega-os numa originalidade histórica cultural que chamamos América Latina. Essa identidade está simbolizada muito luminosamente no rosto mestiço da Virgem de Guadalupe que surge no início da evangelização. (Puebla, n. 446).

Os mestiços viram no rosto da grande Cihuapilli ou Rainha Celestial, as características da nova estirpe que estava nascendo, e se sentiram imediatamente identificados com ela: seu rosto, o deles, adquire uma carta de cidadania e de nobreza; de forma alguma serão eles menos do que os indígenas ou que os espanhóis. Ambos são irmanados por múltiplos laços de família (GONZÁLEZ, 2014, p. 225).

*Manto verde-azul*: era a cor usada pelos imperadores astecas e, agora, cor da “imperadora do mundo”; cor síntese do deus supremo Ometéotl, o deus-dois, masculino e feminino, agora cor da Mãe do Deus-homem (BOFF, 2009, p. 252)

*Lua sob os pés e estrelas no manto*: é símbolo da reconciliação de toda a natureza: do sol, da lua e das estrelas, depois de um longo conflito cósmico, como relatam os mitos astecas (BOFF, 2009, p. 252). A lua é símbolo bíblico, por exemplo, a mulher descrita no Apocalipse 12. As estrelas representam o céu; cientificamente as estrelas do manto estão na posição em que estava o firmamento em 12 de dezembro de 1531, segundo o programa de computação “Distant Suns”.

*Anjo sob a Virgem*: portador de um novo período cósmico, de um novo sol, o “Sol da Justiça”, Cristo, depois do “5º sol”, era o que os astecas estavam vivendo. Inaugura-se, assim, uma nova era: a era da fé da graça (BOFF, 2009, p. 252).

*As duas cruces*: a cristã, no pescoço, e a cruz solar indígena, sobre o ventre: símbolos da harmonização da religião asteca com a fé cristã (BOFF, 2009, p. 252).

Deve-se levar em consideração que o rosto materno da Virgem de Guadalupe teve importância fundamental na tomada de consciência da própria identidade por parte dos mexicanos diante dos espanhóis. Com efeito, o elemento visual costuma exercer sobre o povo uma grande influência. A força plástica da imagem da Morenita, especialmente sua pele morena, contribuiu para que os índios, os mestiços e os crioulos se identificassem com a Guadalupana. (BOFF, 2009, p. 252)

Enfim, a sagrada efigie da Virgem Morena mostra como a beleza pode ser caminho para Deus. Não de uma beleza estetizante, mas aquela que faz vislumbrar o esplendor do Mistério. É a beleza que salva, porque seduz a alma e a subjuga à força da graça, como é a beleza do Crucificado – uma beleza redentora (BOFF, 2009, p. 253).

## **7. Considerações finais**

O presente trabalho mostrou que o primeiro encontro do mundo indígena da América Latina com Maria ocorre com a conquista dessas terras pelos espanhóis e portugueses, sendo os conquistadores descritos como homens de grande devoção mariana. Essa devoção carrega características medievais nas quais se enfatiza muito a devoção na Maternidade Divina de Maria e também como Advogada. Desse modo, podemos falar de uma Mariologia da Conquistadora que exerce forte influência no pensamento dos conquistadores, de maneira que a invocavam para interceder nas batalhas contra os ameríndios. Assim, podemos afirmar que essa imagem de Maria como conquistadora pode ser chamada de uma mariologia agressiva, violenta para o mundo ameríndio, que levou os nativos a enxergarem a Virgem de maneira negativa, pois ela representava a força do céu que luta ao lado dos opressores e que os protege para que destruam sua gente, sua tradição, suas casas etc. Em um momento de profunda convulsão social, política e religiosa, quando tudo parecia perdido, o acontecimento da aparição da Virgem de Guadalupe na colina Tepeyac dá início a um processo de mudança de uma mariologia da Virgem Conquistadora para uma mariologia popular libertadora, identificada com os sofrimentos dos ameríndios conquistados e subjugados pelos invasores, mas que, aos poucos, espalha-se por toda a América Latina e vai se construindo uma Virgem com características de Mãe dos oprimidos.

## **Referências**

- BOFF, Clodovis M. *Mariologia Social: O significado da Virgem para a Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- CAPRANI, Julio. *Maria, a estrela da Evangelização*. A presença de Maria nas cinco conferências gerais do CELAM. São Paulo: Ave-Maria, 2014.
- CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da conferência de Puebla*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.
- DORADO, Antonio González. *De Maria conquistadora a Maria libertadora*. Mariología popular latinoamericana. Espanha: Sal Terrae, 1988 (col. Presencia teológica).
- GONZÁLEZ, Javier Garcia. Guadalupe, modelo perfeito de inculturação. *Rev. Perseitas*, vol. 2, n. 2, jul\dez, 2014, p. 204-232.
- JOÃO PAULO II. Homilia canonização do índio Juan Diego Cuauhtlatoatzin. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20020731\\_canonization-mexico.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020731_canonization-mexico.html). Acesso em: 14 out. 2020.
- MELLO, Alexandre Awi. *Maria-iglesia: Madre del pueblo misionero*. Papa Francisco y la piedad popular marina a partir del contexto teológico-pastoral latinoamericano. 2017. 898 f. Thesis (doctored) International Marian Research Institute University of Dayton, Ohio. Dayton, 2017.
- SILLER, Clodomiro C. Anotaciones y comentarios al Nican Mopohua. *Estudios indígenas VIII*, 1981.
- UGARTES, Ruben Vargas. *Historia del culto de Maria em iberoamerica y de SUS imagines y santuarios mas celebrados*. Tomo 1, 3. ed. Madri: Talleres Gráficos, 1956.

*Recebido em: 09/03/2021*

*Aprovado em: 30/09/2021*